

Indústria & Competitividade



Nº 22 > Julho > 2020

TRABALHO

Empresas com duplo desafio: manter empregos e se adaptar às transformações

Santa Catarina traça o rumo

Programa Travessia articula entidades do Estado para criar ambiente favorável ao desenvolvimento sustentável

CÂMBIO

Desvalorização do real abre oportunidades para a indústria, lá fora e aqui dentro

INFRAESTRUTURA

Complexo Portuário do Itajaí na rota dos supercargueiros e dos investimentos

PREFIRA DE SANTA CATARINA, PREFIRA DO BRASIL.

Nossos produtos têm qualidade mundial e são feitos com dedicação pelos nossos trabalhadores e industriais. Valorize nossa produção. Prefira produtos catarinenses. Juntos vamos reerguer nossa economia, manter empregos e empresas em nosso estado, garantindo um futuro melhor para todos os catarinenses.

Indústria de Santa Catarina



FIESC
INDÚSTRIA FORTE É DESENVOLVIMENTO

Um projeto para Santa Catarina

O espírito empreendedor do catarinense levou o nosso Estado a posição de destaque no desenvolvimento econômico e social do País: parque industrial mais diversificado, melhor distribuição de renda e menor taxa de desemprego são alguns dos indicadores que ilustram nossas conquistas. Mas também é fato que soubemos nos organizar e dialogar para construir em Santa Catarina um ambiente favorável à produção, que beneficia todos que decidem empreender aqui.

A força do associativismo se expressa pelo fato de que a FIESC é a Federação das Indústrias com maior número de sindicatos filiados no País. Somos referência em negociações trabalhistas harmônicas, exemplificadas pela definição do salário mínimo regional. Aqui, o entendimento entre os setores público e privado é histórico, sendo a gestão do governador Celso Ramos, nos anos 1960, um caso emblemático. Ramos desenhou seu programa de governo com base nas pesquisas que realizara ao tempo em que presidira a FIESC, para levantar as demandas sociais e do setor produtivo de Santa Catarina.

Cito essas referências para afirmar que o espírito de união será fundamental para sairmos fortalecidos da maior crise jamais enfrentada. A pandemia da Covid-19 desarticulou a economia e ameaça até mesmo a coesão social. A ruptura, entretanto, abre oportunidades. Para aproveitá-las, é preciso reinventar a economia. Santa Catarina tem condições de emergir da crise como uma referência mundial em desenvolvimento sustentável. Para tanto, precisamos enfrentar a pandemia e sobreviver às dificuldades, ao mesmo tempo que identificamos as transformações do mercado e nos organizamos para aproveitar as oportunidades. Em síntese, este é o Programa Travessia.

Elaborado pela FIESC e adotado pelas demais entidades empresariais do Estado, o programa teve como ponto de partida a análise de cenários pós-Coronavírus traçados por dezenas de organizações e personalidades ao redor do mundo, além da realização de eventos virtuais com algumas das principais empresas de Santa Catarina. O objetivo é criar um movimento que integre e articule o setor empresarial com as demandas e os anseios da sociedade catarinense, para a construção de um ambiente propício à travessia do Estado em direção ao futuro desejável. A união de esforços e o alinhamento de perspectivas são fundamentais diante da constatação de que estamos todos no mesmo barco.



Mario Cezar de Aguiar
Presidente da FIESC



10

TRAVESSIA

É possível reinventar a economia e transformar Santa Catarina em referência mundial em desenvolvimento sustentável. Programa da FIESC promove a articulação das entidades .com, .gov, .org e .cti do Estado para a criação de ambiente e mecanismos que sustentem esses objetivos

6 ENTREVISTA

Para Salim Mattar, secretário especial de Desestatização do Ministério da Economia, privatizações poderão atrair investimentos, gerar empregos e ajudar a recompor os cofres do Estado no pós-pandemia

22 EMPRESAS

Como algumas das maiores indústrias de Santa Catarina se reestruturaram para enfrentar as limitações impostas pela pandemia e para ajustar seus modelos de negócios às novas tendências econômicas e de comportamento dos consumidores

36 CÂMBIO

Desvalorização do real ao longo de 2020 tornou muito mais rentáveis as exportações catarinenses, apesar da queda das vendas em dólar. O cenário abre oportunidades para empresas locais no mercado externo, ao mesmo tempo que pode incentivar a substituição de importações

28 TRABALHO

Acordos apoiados por medidas emergenciais garantiram a preservação de talentos para a retomada. Ela deverá vir com mudanças significativas nas relações trabalhistas, que exigirão adaptações das empresas e de trabalhadores



42 DOSSIÊ INFRAESTRUTURA

Nova bacia de evolução do Complexo Portuário do Itajaí permite a operação de navios de até 366 metros, o que coloca o porto na rota dos supercargueiros e o deixa mais atraente para o capital privado. Mas, do lado de fora, a precariedade das estradas e a falta de ferrovias seguem sendo entraves à competitividade



50 PERFIL

Salézio Martins, fundador da Kyly, sequer era do ramo quando resolveu comprar dois teares usados da Hering para começar a produzir malhas na garagem de casa. Ele envolveu no negócio o pai, a mulher, as filhas e um irmão e, juntos, construíram uma empresa que faturou R\$ 460 milhões em 2019

54 MARKETING

A Linguíça Blumenau, produto típico de imigrantes alemães, foi adotada por chefs contemporâneos e ganhou status de produto gourmet. A fama e a valorização do produto sustentam investimentos de diversas indústrias de embutidos do Vale do Itajaí



58 ARTIGO

Paulo Eli, secretário de Estado da Fazenda de Santa Catarina



Presidente
Mario Cezar de Aguiar

1º Vice-Presidente
Gilberto Seleme

Diretor 1º Secretário
Edvaldo Ângelo

Diretor 1º Tesoureiro
Alexandre D'Ávila da Cunha

Diretora 2ª Tesoureira
Rita Cassia Conti

Diretoria executiva
Alfredo Piotrovski
Carlos José Kurtz
Fabrício Machado Pereira
José Eduardo Fiates

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Edição de arte
Luciana Carranca

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Distribuição
Filipe Scotti

Colaboradores da edição
Leo Laps e Maurício Oliveira

Apoio editorial
Elida Ruivo, Gabrielle Bittelbrun,
Ivonei Fazzioni, Dami Radin
e Leniara Machado

Capa
Luciana Carranca

Comercialização
CIESC

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



www.vbcconteudo.com.br
redação@vbcconteudo.com.br

Desinvestir para poder **investir**

Salim Mattar é conhecido no mundo empresarial por criar a Localiza, a maior locadora de carros da América Latina. Também é conhecido por ser defensor das ideias liberais, integrando e financiando institutos que valorizam a economia de mercado e a livre iniciativa. As credenciais lhe valeram o convite, feito por Paulo Guedes, para comandar a área de privatizações do Governo Federal. Secretário Especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados do Ministério da Economia, Mattar tem a missão de tocar um ambicioso programa que foi interrompido pela pandemia. Nesta entrevista exclusiva ele afirma que a desestatização será decisiva para a recuperação da economia, gerando investimentos e empregos.

Por que há tantas empresas estatais no Brasil?

Os diversos governos que nos antecederam, independentemente da matiz ideológica, violaram o artigo 173 da Constituição (que restringe a exploração direta da atividade econômica pelo Estado) e colocaram o Estado para competir com a iniciativa privada. Aliás, uma competição injusta, para não dizer desleal. O Brasil sempre foi um país com forte presença da esquerda e daí termos tantos problemas e um estado gigantesco, e fazia sentido para aquelas pessoas ter o Estado gerindo um punhado de empresas nos mais diversos setores da economia. Essas empresas eram também fontes de corrupção para enriquecimentos ilícitos e caixa 2 de campanhas. Chesf, Petrobras, Correios, Caixa e outras tantas serviram para este fim. Daí a importância de governos não éticos manterem empresas estatais. O presidente Bolsonaro foi muito claro em sua campanha dizendo que para

acabar com a corrupção teríamos que acabar com as estatais.

Politicamente, sempre foi difícil levantar a bandeira das privatizações no Brasil. Por que a cultura da estatização é tão forte?

Existem fortes grupos de interesse como os sindicatos cujos afiliados possuem remuneração e benefícios diferenciados e muito maiores do que o mercado. Há estatais com planos de saúde extensivos até mesmo aos pais e mães, são vitalícios e alguns sem limite de valor a ser reembolsado. Outro grupo de interesse são os fornecedores das estatais que mantêm relações não convencionais com as estatais e seus funcionários. Finalmente, outro grupo era formado por políticos e partidos políticos de forma não republicana, como aconteceu na Petrobras recentemente. Esses grupos influenciavam a mídia, o Congresso e a sociedade contra a privatização. O presidente Bolsonaro foi eleito, com 57 milhões de votos, com propostas de

privatização. Isso mostra que a sociedade brasileira mudou e hoje há uma consciência generalizada sobre a importância das privatizações e redução do tamanho do Estado.

É possível comparar o nível de presença do Estado na economia brasileira com outros países, ou a uma média mundial?

Ao assumir o Governo em 1º de janeiro de 2019, existia a informação de que o Brasil teria 134 empresas federais divididas entre dependentes, não-dependentes e suas subsidiárias. Muitas dessas companhias possuem empresas no Brasil e no exterior, além de participações minoritárias que não estavam sendo consideradas. A Secretaria Especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados do Ministério da Economia refez este levantamento ao final do exercício e apurou um saldo de 46 estatais de controle direto, 150 subsidiárias, 219 coligadas e simples participação em 209, totalizando 624 empresas que a União participa direta e indiretamente. Para se ter um comparativo, os Estados Unidos possuem apenas oito empresas.

Por que é necessário privatizar?

O Estado é gigantesco, obeso, lento, burocrático e oneroso para os pagadores de impostos e interfere na vida do cidadão e do empresário. O que estamos fazendo é a melhor realocação dos recursos públicos, uma melhora no perfil dos investimentos que deixam de ser em empresas e passam a ser na qualidade de vida do cidadão. Não faz sentido uma pessoa vir a óbito numa fila de hospital por falta de atendimento e de medicamentos enquanto literalmente se perde anualmente mais de R\$ 20 bilhões apenas para poder manter estatais com pouca ou nenhuma contrapartida para a sociedade, ou

“O papel do governante é entender como alocar os recursos da maneira mais eficiente para beneficiar o cidadão”



DIVULGAÇÃO

o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ter ações em empresas como Suzano, Fibria e JBS, e termos crianças sem creches. O desinvestimento do setor público implica na ocupação desse espaço pelo capital privado. O papel do governante é justamente entender como alocar os recursos de maneira mais eficiente para beneficiar o cidadão.

Qual é o objetivo geral do Governo com a venda de empresas estatais?

O governo do presidente Bolsonaro respeita e vai cumprir o artigo 173 da Constituição. A desestatização tem alguns principais objetivos, como fortalecer a iniciativa privada e reduzir o tamanho do Estado de forma que este possa se concentrar na qualidade de vida do cidadão cuidando da saúde, segurança, educação, infraestrutura e saneamento básico. Essas ações farão os mercados funcionarem de forma mais eficiente e o Brasil será mais competitivo e próspero, com produtos e serviços melhores e de menores custos para a população.

O que já foi realizado até agora?

Dois mil e dezenove foi um ano de muito aprendizado. Conseguimos desestatizações e desinvestimentos que somaram R\$ 105,4 bilhões e nos desfizemos de 71 ativos. No início deste ano, os desinvestimentos já haviam somado R\$ 29,5 bilhões. O valor foi arrecadado com a venda de 20.785.200 ações ordinárias de emissão do Banco do Brasil excedentes ao controle acionário e a venda das ações detidas pelo BNDESPar na Light e Petrobras. A meta de desestatizações e desinvestimentos

para 2020 era de R\$ 150 bilhões, com redução de 300 ativos. Esta meta ficou seriamente prejudicada devido à crise da Covid-19. Quando o mercado voltar à normalidade, vamos acelerar o processo. Nosso plano continua de pé: privatizar ou extinguir mais 15 estatais até 2022. As estatais que estão no nosso cronograma de desestatização até 2022 são: Ceitec, Emgea, ABGF, Eletrobras, Nuclep, Ceagesp, Ceasaminas, Codesa, CBTU, Trensurb, Serpro, Dataprev, Correios, Telebras e Codesp.

Qual poderá ser o papel das privatizações para o equilíbrio das contas públicas e recuperação da economia?

O processo de desestatização é fundamental para a retomada pós-pandemia. A desestatização aumenta a competitividade, fortalece o mercado e a iniciativa privada e melhora o ambiente de negócios além de que, uma vez privatizadas, essas empresas recebem investimentos e vão gerar mais empregos. Por outro lado, vai contribuir para reduzir o tamanho do Estado, reduzir a presença do Estado na economia, desonerar o cidadão pagador de impostos, melhorar a alocação de recursos e reduzir a dívida pública.

Quais são os principais entraves e resistências para levar adiante os objetivos?

O Governo é gigantesco e, por isso, moroso. Essa lentidão é oposta ao que acontece na iniciativa privada. A tomada de decisão privada é muito mais rápida. O processo de privatização será feito de forma cuidadosa, gradual e constante, buscando maximizar o valor para o pagador de impostos. Temos que ser cuidadosos com todas as nossas desestatizações, de forma que agregue valor, pois estamos zelando pelo dinheiro do pagador de impostos. [ic](http://ic.gov.br)

“Quando o mercado voltar à normalidade, vamos acelerar o processo. O plano é privatizar ou extinguir mais 15 estatais até 2022”

BEM-VINDO AO MUNDO DE NEGÓCIOS GLOBAIS

Conheça o **INTERCOMP**: o Programa de Internacionalização da **FIESC** que tem as **soluções** que você precisa para **romper fronteiras** e alavancar os seus **negócios no exterior**.

- Avaliação de maturidade de internacionalização
- Inteligência comercial
- Indicadores de comércio exterior
- Programas e parcerias nacionais e internacionais
- Capacitação e seminários sobre comércio internacional
- Promoção comercial em eventos internacionais
- Certificados de exportação
- Atração de investimentos
- Defesa de interesses

Conquiste novos mercados e escale a sua marca. Venha para o **INTERCOMP**.

Acesse fiesc.com.br/internacionalizacao e saiba mais!



Estamos todos no mesmo barco

Programa propõe a união de esforços para Santa Catarina reinventar sua economia e se tornar um modelo de desenvolvimento sustentável em um mundo modificado pela pandemia

Imagine-se em um navio em meio a uma tormenta que surgiu de forma inesperada. O nome do navio é Santa Catarina. As ondas quebrando no convés assustam, mas não são mais perigosas do que as avarias no casco. No porão, o navio começa a fazer água, ameaçando a casa de máquinas. Imagine que a casa de máquinas é o setor produtivo. A nau perde tração, mas não pode parar e ficar à deriva no mar revolto. É preciso concluir a travessia.

Diante da grave situação, a tripulação se dá conta de que precisa desenvolver novas habilidades e criar soluções para os problemas que

não param de surgir. A sobrevivência não depende apenas da resistência, mas, mais do que nunca, da resiliência, da adaptação. Apesar da insegurança e do medo, existe um sentimento comum, forte, de que é possível enfrentar os desafios. União é fundamental. A tripulação ganha confiança, e o navio ganha um pouco de tração.

De repente, é possível um vislumbre de céu azul, longe no horizonte. Mas é necessário ajustar a bússola. Tamanho foi o estrago causado pela tempestade que a rota anteriormente traçada não existe mais. A nau Santa Catarina terá que encontrar

um novo caminho para seguir navegando em direção ao seu destino.

Mas qual é o destino?

Deixando a alegoria do navio de lado, o destino de Santa Catarina é atravessar a crise provocada pela pandemia da Covid-19, reinventar a sua economia e se tornar uma referência mundial em desenvolvimento sustentável.

São esses os objetivos a serem alcançados por meio do Programa Travessia, elaborado pela FIESC e lançado no Estado como um movimento, envolvendo todos os setores da economia, trabalhadores, setor público, academia e os

demais segmentos da sociedade. Para chegar lá, é preciso estratégia, foco e união. Se em vez de um navio imaginássemos um barco, seria o caso de dizer que todos têm de remar para o mesmo lado.

A inspiração do movimento é o New Deal, um grande pacto econômico, social e político que permitiu aos Estados Unidos superar a grande crise econômica iniciada em 1929. "Temos que nos reestruturar e encontrar mecanismos para integrar as entidades, Governo e setor produtivo na busca de soluções e novas oportunidades", afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC.

Programa Travessia

Os quatro pontos cardeais representam os objetivos estratégicos, que são ladeados pelas estratégias finalísticas e viabilizadoras



É um desafio monumental, mas os tripulantes do navio Santa Catarina têm motivos para acreditar que podem atravessar a crise e sair fortalecidos do outro lado. Um dos motivos para o otimismo é que os impactos na área da saúde pública se demonstraram menos graves em Santa Catarina do que em outros centros industriais importantes do País, como São Paulo e Manaus. O Estado foi o primeiro a adotar medidas restritivas e, por consequência, o número relativo de infectados e de vítimas fatais no Estado situa-se abaixo da média nacional e das regiões citadas.

A condição permitiu a manutenção de parte da atividade industrial com consistência e segurança – mesmo assim, houve queda na produção de 28% nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2019 (veja o quadro). Apesar da extrema dificuldade, não houve quebra generalizada de empresas, o que é fundamental para projetar uma retomada.

Nacionalização | A atividade econômica foi profundamente afetada por transformações que sinalizam para a conformação de uma nova economia. Algumas das principais indústrias de Santa Catarina rapidamente iniciaram processos de reposicionamento e de busca de oportunidades. “Esta é uma crise sem precedentes, que afetou ao mesmo tempo oferta, demanda e força de trabalho”, diz Fernando de Rizzo, presidente da Tupy, de Joinville. “Mas teremos novas oportunidades

de fornecimento para os Estados Unidos e Europa e poderemos nos beneficiar da tendência de nacionalização de componentes industriais e com uma retomada de investimentos em infraestrutura básica”, afirma o executivo.

Sua visão ilustra algumas das vantagens estruturais de Santa Catarina para a retomada em novas bases. O Brasil como um todo – o Estado em particular – pode aproveitar a tendência de busca de novos fornecedores que indústrias e países desejam ter como alternativas ao fornecimento chinês. As carências da pandemia escancararam os riscos de excessiva dependência asiática de insumos e componentes industriais, e grandes grupos ao redor do mundo já iniciaram o processo de *dual sourcing* – o termo refere-se à prática de se ter fornecedores diferentes para um mesmo componente ou produto. Além disso, a nacionalização de produtos industriais já é por muitos considerada uma questão estratégica, e tende a influenciar políticas industriais em favorecimento da produção nacional.

Para ambos os casos, a posição geográfica e a capacidade e a diversidade industrial de Santa Catarina se traduzem em oportunidades de inserção nos novos arranjos das cadeias produtivas globais que se articularão.

Um dos pontos centrais do Programa Travessia é a observação sistemática do ambiente, em busca da identificação de ameaças e oportunidades para o Estado, como as citadas anteriormente. Como ponto

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS

DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO

ESTRATÉGIAS FINALÍSTICAS VERTICAIS

ESTRATÉGIAS VIABILIZADORAS TRANSVERSAIS

de partida, foi realizada uma ampla análise de estudos de consultorias internacionais que estão traçando cenários pós-Coronavírus. “Vamos ajustando os instrumentos de comando para continuar a jornada visando o destino vislumbrado”, diz José Eduardo Fiates, diretor de inovação e competitividade da FIESC.

Catalisador | Os ajustes de rota poderão não ser suaves. Para Fiates, o caráter das transformações aceleradas pela pandemia é comparável ao gerado por conflitos como guerras mundiais. De acordo com essa análise, as guerras seriam as catalisadoras de longos processos de tensões e rupturas que vinham ocorrendo ao longo do tempo, envolvendo os mundos das ideias, da cultura, da tecnologia e do ambiente

Setor metal-mecânico pode diminuir dependência da indústria automotiva

socioeconômico. O mesmo vale para a pandemia. Por isso ela é tida como uma aceleradora de tendências que já eram observadas e comentadas, mas que apenas se insinuavam ou não se realizavam plenamente.

“A pandemia antecipa o futuro, acelera mudanças e acentua prioridades”, diz Fiates. “Daqui a 10 ou 20 anos estará claro que regiões, empresas e pessoas foram capazes de perceber as tendências e se adaptar às transformações. Santa Catarina pode ser um dos vencedores desse processo”, afirma o executivo.

A “carta náutica” que permitirá a realização da travessia engloba transitar por quatro objetivos estratégicos, quatro dimensões principais que precisam ser planejadas, articuladas e trabalhadas para que se possa atingir o objetivo central, que é o



Inclusão em um novo normal

FIESC desenvolve soluções para melhorar a vida das pessoas afetadas

A FIESC foi rápida na reação à crise causada pela pandemia. Por meio do SESI e do SENAI criou protocolos de saúde e segurança para indústrias, liderou um projeto nacional para a construção e recuperação de respiradores, viabilizou a produção e aplicação de testes em empresas e criou um fundo para levantar contribuições para aquisição de equipamentos de saúde que movimentou R\$ 3 milhões até junho. Para melhorar o ambiente de negócios, atuou na formulação de regras trabalhistas e costurou ações em parceria com o setor público, dentre outras iniciativas.

Todas as ações facilitaram um pouco a vida de empresas e trabalhadores, que ficou muito mais difícil com a instalação da pandemia. Mas há outra dimensão da vida das pessoas que também pode ser contemplada por soluções da FIESC. Uma equipe multidisciplinar da Federação trabalha no desenvolvimento de soluções tecnológicas para pessoas com deficiência. Em meio a entrevistas realizadas com essas pessoas, com o objetivo de conhecer de fato os seus problemas, percebeu-se que várias de suas limitações eram comparáveis às de pessoas limitadas pelo “novo normal” imposto pela pandemia – pessoas de grupos de risco e de baixo poder aquisitivo que passaram a ter dificuldades de acesso e de mobilidade, por exemplo.

A constatação levou a equipe a pensar também em soluções para ajudar essas pessoas diante de novas formas de relacionamento interpessoal e com a própria casa, as empresas e as cidades. “Aprender sobre as limitações e as dificuldades de pessoas com deficiência é entender melhor as transformações sociais que vivemos”, afirma o diretor de inovação e competitividade José Eduardo Fiates.

desenvolvimento sustentável (veja o infográfico da p.12). São elas:

- Reinvenção da economia, com empresas competitivas e inovadoras
- Ambiente de negócios
- Infraestrutura
- Capital para investimentos e crédito

Santa Catarina é reconhecida como estado empreendedor, cuja força econômica e social está fundamentada na empresa privada. Não poderia ser de outro modo, portanto: o pro-

grama de transformação tem seu eixo e norte direcionador no setor privado. É ele o protagonista da reinvenção da economia. “É a atividade empreendedora que transforma conhecimento, ideias, energia, trabalho e visão em resultados, em benefício do ser humano e da sociedade como um todo”, diz Mario Cezar de Aguiar.

A reação empresarial já começou. O setor de confecções e têxtil, maior empregador industrial cata-





FILUPE SCOTTI

Reunião da diretoria da FIESC com secretários de Estado: alinhamento

rinense, está entre os mais afetados pela pandemia. O fechamento prolongado de shopping centers e lojas de rua em todo o País erodiu profundamente as receitas do setor, exigindo inovações e alterações dramáticas de curso. “Temos sido constantemente desafiados a pensar novos formatos que atendam o cenário de isolamento social e aos novos desejos do consumidor. Muitas mudanças vieram para ficar”, diz Thiago Hering, diretor executivo da Cia. Hering (leia mais sobre a empresa na reportagem subsequente).

Reconversão | Uma inovação apresentada por outra gigante do setor, a Malwee, também deu o tom de por onde pode caminhar o processo da transformação desta indústria. A empresa de Jaraguá do Sul foi pioneira no lançamento de máscaras e camisetas dotadas de substâncias desenvolvidas na Suíça e na Austrália, com propriedades capazes de combater micróbios, bactérias e fun-

gos, eficazes na eliminação do novo Coronavírus. O uso de tecidos tecnológicos é uma das tendências para o setor, identificada pelo Programa para o Desenvolvimento da Indústria Catarinense (PDIC), da FIESC, que se tornou uma das bases orientadoras para o Programa Travessia.

Já a indústria metalmeccânica, afetada pela paralisação do setor automotivo, contempla a aceleração de uma tendência: a chamada civilização do automóvel pode estar com os dias contados. Problemas de mobilidade e sustentabilidade, aliadas a tecnologias que permitem o compartilhamento de veículos e à chegada de uma geração que não entende a posse de automóveis como um valor essencial, já apontavam para um futuro desafiador para o setor.

Nesse contexto, o Programa Travessia identifica alternativas para as fabricantes de autopeças. Uma delas é a reconversão para o fornecimento ao segmento de saúde, para o qual se projeta crescimento e

forte avanço tecnológico. A construção de fragatas para a Marinha em Itajaí, projeto que deverá movimentar mais de R\$ 9 bilhões, também se apresenta como oportunidade.

Outra constatação é de que a sustentabilidade é um valor central da nova economia. Sua relevância é expressa pelo termo Green New Deal, uma proposta global ainda difusa para o alinhamento em torno de uma economia de fato sustentável. Em um mundo de baixo carbono, a mobilidade elétrica será um dos eixos de transformação da indústria automotiva. É uma oportunidade para a qual indústrias de Santa Catarina já vinham se preparando. A WEG domina a tecnologia de tração elétrica e aguarda oportunidades de aplicação em larga escala. “É fundamental termos políticas e financiamentos públicos para incentivar o desenvolvimento e a demanda de mobilidade elétrica, além de soluções digitais para a indústria 4.0. Esses podem ser vetores de crescimento no Brasil e no mundo”, explica Harry Schmelzer Jr., presidente do Grupo WEG.

A observação do executivo remete a outra dimensão estratégica do Programa Travessia, que é a construção de um ambiente favorável à reinvenção da economia. Passa, necessariamente, por um pacto institucional envolvendo os setores privado e público, cabendo a este último a formulação de leis, políticas e oferta de recursos na direção certa para o sucesso da travessia.

O setor privado, representado pelo Conselho das Federações Empresariais de Santa Catarina (Co-



FOTOS: SHUTTERSTOCK

Tombo assimétrico

Varição da produção industrial de SC (jan-mai 20/jan-mai 19)

| | |
|---|--------------|
| Alimentos..... | 2,1 |
| Papel e celulose..... | -1,6 |
| Plástico e borracha..... | -11,1 |
| Produtos de madeira..... | -12,1 |
| Produtos de metal..... | -14,1 |
| Máquinas e materiais elétricos..... | -16,6 |
| Produtos têxteis..... | -17,2 |
| Máquinas e equipamentos..... | -17,6 |
| Produtos de minerais não metálicos..... | -23,1 |
| Vestuário e acessórios..... | -29,3 |
| Metalurgia..... | -31,1 |
| Veículos automotores..... | -32,2 |
| TOTAL SC..... | -28,6 |

Fonte: IBGE/FIESC

Pesado demais para navegar

É hora de discutir os direitos adquiridos para poder cortar gastos públicos

Na metáfora do navio em meio a uma turbulenta travessia, o setor produtivo é a sala de máquinas. Situado no porão, este segmento é o mais ameaçado quando o navio começa a fazer água. “Se não aliviar o peso para quem impulsiona a embarcação, o navio afunda ou avança muito devagar. E nesta hora precisamos de velocidade”, diz Carlos José Kurtz, diretor institucional e jurídico da FIESC.

Desde o início da pandemia o setor privado cobra cortes de despesas do setor público. Calcula-se que uma redução de salários e de jornada de 25% pouparia, em três meses, quase R\$ 40 bilhões. Enquanto na iniciativa privada as reduções chegaram a até 70% nos salários e jornada, o setor público sinaliza com aumento de impostos.

Nesse contexto de crise aguda, soluções arrojadas devem ser pensadas para aliviar o fardo do setor produtivo. Para Kurtz, é possível flexibilizar temporariamente direitos adquiridos, como salários, aplicando-se o princípio da escassez (considerando a finitude de recursos, ante a infinidade de necessidades, é preciso priorizar). “Em casos de catástrofe, como a que vivemos, o direito adquirido deve ser exercido dentro das possibilidades existentes. O direito adquirido é o salário digno, que eventualmente pode ser reduzido, ainda que temporariamente, para assegurar um alinhamento com os sacrifícios que o restante da sociedade está fazendo”, argumenta.

fem), que adotou o Programa Travessia como ferramenta para operar a transição, aprofundou o diálogo com o Governo do Estado ao longo da pandemia. “Temos um objetivo comum, que é construir um estado cada vez melhor. E faremos isso a várias mãos”, afirma Mario Cezar de Aguiar. “Com diálogo, avançamos em projetos que fortaleçam ainda mais a nossa economia”, diz o secretário da Fazenda Paulo Eli (leia artigo do secretário nesta edição).

O pacto institucional almejado vai além das boas relações público-privadas, avançando para o conceito de ecossistema. Santa Catarina já possui um ecossistema de inovação relevante, destacado nacionalmente, que funciona porque as diversas entidades envolvidas – instituições de ensino e pesquisa, centros de inovação, empresas de diversos portes e várias esferas governamentais – interagem de forma orgânica e em coordenação descentralizada, colaborando entre si. O Programa Travessia almeja propiciar ambiente semelhante por meio de diversas iniciativas, como a instauração de um conselho de governança com representantes de todos os setores e a criação de um *think tank* para planejamento, acompanhamento e avaliação do programa.

A dimensão estratégica da infraestrutura é fundamental não só para dotar o Estado da base necessária ao desenvolvimento dentro da nova economia, mas também porque o investimento em grandes obras é um poderoso gerador de receitas, rendas e trabalho. Tanto é assim que o New Deal americano foi



em parte sustentado por grandes projetos de infraestrutura.

Saneamento | As principais necessidades e oportunidades de Santa Catarina nas áreas de transporte e logística já estão mapeadas. A FIESC elabora anualmente a Agenda Estratégica da Indústria para Infraestrutura de Transporte e Logística. A Federação também publicou o livro *Proposta para Inserção de Santa Catarina no Contexto Logístico Nacional* e elaborou um planejamento completo para a BR-101. Além disso, mais de 40 instituições e entidades empresariais do Estado se reúnem no Conselho Estratégico para Infraestrutura de Transporte e a Logística Catarinense, com o objetivo de priorizar os projetos mais importantes.

Tamanha articulação demonstra a importância do tema para o Estado. Ainda assim, um levantamento

da FIESC identificou que, antes mesmo da pandemia, 98% das obras de infraestrutura estavam com o prazo expirado ou o andamento comprometido. Ou seja, está tudo por fazer, o que revela o tamanho da oportunidade que há nessa frente. “A demanda reprimida é tão grande que qualquer investimento nesta área trará retorno rapidamente”, argumenta Mario Cezar de Aguiar.

Para viabilizar a agenda é preciso tornar a legislação segura e atraente para investidores privados. A exemplo da nova legislação sobre saneamento aprovada pela Câmara dos Deputados, que veio na hora certa e pode viabilizar soluções para a economia e para a saúde dos brasileiros, seriamente afetada pela falta de saneamento básico. O conceito de infraestrutura adotado pelo Programa Travessia é amplo, contemplando aspectos de infraestrutura

Rodovia em obras: investir em infraestrutura trará retorno imediato

física (transportes, energia, comunicações), social (saúde, saneamento, segurança, educação), digital (banda larga, inteligência artificial, big data) e empresarial (incubadoras, parques tecnológicos, parques empresariais).

A ideia é elaborar um Masterplan, um planejamento global para o Estado, e um banco de projetos que possa ser apresentado a investidores. “Temos que assegurar que não faltarão bons projetos quando recursos públicos e privados forem disponibilizados”, diz Egidio Antônio Martorano, gerente para assuntos de transporte, logística, meio ambiente e sustentabilidade da FIESC.

A ação se conecta diretamente à quarta dimensão do Programa Travessia, que é a obtenção e a atração de capital, de investimento e crédito. Esta dimensão será tão melhor

atendida quanto melhor estruturadas estiverem as outras: empresas com potencial de crescimento, segurança jurídica e bons projetos.

Cooperação | Por fim, o programa se ancora em três princípios para ganhar corpo, se legitimar e apresentar resultados. O primeiro deles, a confiança competitiva, está associado à ideia de que todos devem remar para o mesmo lado, mesmo que sejam concorrentes a nível empresarial. Em outras palavras, cooperação entre os agentes para o alcance de objetivos comuns. O segundo princípio é o da diversidade sistêmica, que deve ser estimulada. É algo que já se observa no tecido industrial catarinense, o mais diversificado do País.

Para completar o quadro, é necessário possibilitar o impossível, de acordo com Fiates. Isso quer dizer que as estratégias devem ser definidas a partir de uma pergunta: “O que poderia ser feito que parece impossível em um primeiro momento, mas que se fosse feito solucionaria muito mais rapidamente um problema?”. “É dessa forma que conseguiremos gerar soluções realmente diferenciadas, surpreendentes e inspiradoras”, afirma Fiates. A missão é árdua, mas inescapável. “O barco vai balançar, água vai correr sobre o convés, as ondas serão grandes e ameaçadoras, mas conseguiremos realizar a travessia”, acredita Fiates. [ic](#)

SHUTTERSTOCK



Higiene Ocupacional

Segurança para a sua indústria e para a saúde dos seus trabalhadores



Conheça a análise de higiene ocupacional do Instituto SENAI de Tecnologia Ambiental e controle os riscos químicos da sua indústria com base em resultados precisos e confiáveis:

- Identificação dos principais fatores de exposição;
- Análise quantitativa dos riscos ocupacionais e ambientais;
- Proteção da saúde do trabalhador;
- Conformidade com as normas de segurança.

Mais informações

☎ 47 3321-9650 | ☎ 47 98422-7318

✉ ist.ambiental@sc.senai.br

in www.linkedin.com/showcase/istsenaisc

INSTITUTO SENAI
DE TECNOLOGIA AMBIENTAL

Metrologia
SENAI

Depois do susto, ajustes de rota

Algumas das maiores indústrias de Santa Catarina já se articulam para se adaptar às transformações que vislumbram em seus respectivos mercados

Quem pode saber ao certo que tendências econômicas ou de comportamento determinarão as características do mercado no futuro? Acertar previsões como essas é o que leva empresas a ter sucesso ao longo do tempo. Fundada em Blumenau há 140 anos, a Hering deve sua longevidade ao fato de entender como funciona - e se modifica - o mercado em que atua. Tanto que, amargando uma crise no início do século, a companhia reinventou seu modelo de negócios, passando a ter forte presença no varejo e adotando o conceito de *fast fashion*, em que os lançamentos chegavam a ser sema-

nais. A mudança de rumo deu resultados positivos, só que nos últimos anos o modelo dava sinais de esgotamento e a companhia engatava uma volta às origens, focada em produtos básicos, porém associada a toda a tecnologia disponível para facilitar a vida dos consumidores e potencializar as vendas. Até que, no meio da jornada, foi colhida pela pandemia do Coronavírus.

A crise levou ao fechamento das mais de 700 lojas, paralisação da produção e renegociações de prazos e pagamentos. A empresa tomou empréstimos de R\$ 200 milhões para reforçar o caixa, mas não ficou sem faturar. Além de acelerar a transformação digital, ampliando os canais de e-commerce, criou uma nova força de vendas denominada *social selling*, que envolveu mais de 2 mil colaboradores e funcionários de lojas franqueadas, em vendas online, projeto que posteriormente foi estendido a qualquer pessoa. Apesar de todo o esforço, as vendas no primeiro trimestre caíram quase 30%.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

No período posterior, mesmo com a reabertura de lojas, parte da coleção de inverno e a coleção primavera-verão foram canceladas, a marca infantil PUC foi extinta e a empresa apostava as fichas no consumo básico, compatível com os tempos de guerra impostos pela pandemia. Ao mesmo tempo, traçava estratégias visando a uma retomada. Dentre as questões que se impunham para a reorganização dos negócios, uma das mais relevantes era acerca de quais tendências perdurariam somente durante a pandemia e quais se tornariam perenes.

“O mundo mudou. Acreditamos que o cenário que se desenha passa por uma mudança mais profunda, cultural, pois estamos impelidos a conviver com situações que jamais imaginávamos”, afirma Thiago Hering, diretor executivo da Cia. Hering. “Há um retorno para a valo-

rização da nossa essência, do que realmente importa. Isso passa por escolhas de consumo muito mais conscientes, valorizando marcas que priorizam a produção nacional, adotam o espírito de solidariedade e atendem o básico”, acredita.

Nesse contexto, a empresa avalia o redimensionamento da rede de lojas e reforça a gestão de marcas.

Para testar a receptividade de linhas de produto e aproveitar oportunidades pontuais, criou “coleções-cápsulas”, que são minilançamentos fora da coleção principal da estação. As ações deram resultado. Entre março e junho, os novos clientes representaram mais de 50% da base de compras

do e-commerce, que dobrou o faturamento no período. “Esta mudança veio para ficar. Quando o cliente passa pelo processo de digitalização, tende a repetir o relacionamento com as marcas no ambiente on-

R\$ 5,5 bilhões

Perda de faturamento da indústria catarinense durante a pandemia (até maio)

Thiago Hering e linha de produção em Blumenau: novos canais de venda

-line de maneira mais intuitiva nas próximas vezes”, diz Thiago.

A experiência da Hering ilustra o alto grau de transformação de negócios e quão grandioso é o desafio de se reestruturar em novas bases para os tempos vindouros, ao mesmo tempo que se luta pela subsistência no presente. Essa experiência profunda, inesquecível, é universal. Não há empresa que não a esteja vivenciando, independentemente do porte ou do ramo

de atuação, ainda que com distinções entre os setores.

Indústria 4.0 | Para a WEG, os impactos da crise foram assimétricos em suas linhas de produtos. No caso dos equipamentos de ciclo curto (motores de pequeno porte e tintas e vernizes), de altos volumes e fabricação rápida, houve redução de encomendas. Já nos produtos de ciclo longo, para os quais a companhia havia formado uma gorda carteira de pedidos, a tendência é de manutenção dos cronogramas dos projetos. Destacam-se aí produtos para as áreas de geração, transmissão e distribuição de energia, motores elétricos de grande porte e painéis de automação.

A crise também trouxe oportunidades. A companhia se notabilizou pela fabricação e entrega de centenas de ventiladores pulmonares para UTIs, atendendo a uma demanda emergencial. Não se sabe, entretanto, se continuará no negócio quando a pandemia passar. Mais certo é o aprofundamento no universo da indústria 4.0, para o qual já desenvolvia soluções. Como o WEG Motor Scan, um sensor capaz de monitorar parâmetros de motores, como temperatura e vibração. Conectado a plataforma de internet das coisas e a software de gestão, fornece indicadores que permitem melhorar a produtividade de uma planta industrial.

Tecnologias como essas permitem o controle a distância de fábricas, o que nunca foi tão importante quanto na atual conjuntura. “Nos-

ossos produtos estão inseridos em todas as máquinas e equipamentos envolvidos na produção, o que nos faz estar presentes na ‘espinha dorsal’ do movimento produtivo. Desta forma, monitorar, coletar dados e informações e garantir a melhor performance desses equipamentos também faz parte do nosso negócio”, informa André Rodrigues, diretor administrativo e financeiro.

A WEG criou uma estrutura de negócios digitais, reforçada pela compra recente de três empresas desenvolvedoras de tecnologia 4.0. Em paralelo, incorpora cada vez mais soluções em softwares nos produtos tradicionais e amplia a integração de dados da indústria por meio de uma plataforma em nuvem, a WEGnology.

Mobilidade | Outra frente de negócios que ainda não responde por uma fatia relevante das receitas da WEG, mas que pode se revelar uma área de negócios de gigantesco potencial no futuro, é o da mobilidade elétrica. Associada ao conceito de sustentabilidade, a tecnologia é

dominada pela companhia, que já fornece sistemas de tração elétrica para ônibus, caminhões, trólebus, navios e embarcações, além de sistemas de recarga para veículos. Tem parcerias com a Volkswagen e a Embraer, dentre outros fabricantes de veículos e implementos. “Estamos trabalhando não só para viabilizar a propulsão elétrica em veículos de transporte, mas também para elevar a capacidade tecnológica do Brasil”, diz Rodrigues.

A visão estratégica é de que a mobilidade elétrica é uma tendência mundial e que o Brasil, por contar com fontes hidráulica, solar e eólica, pode ser 100% sustentável, já que a recarga das baterias dos veículos poderá ser feita por meio de fontes não poluidoras. “Se tivermos as políticas certas, o Brasil poderá se tornar um *player global* de veículos de transporte urbano elétricos”, afirma Rodrigues.

A Tupy, que fornece blocos de motores e cabeçotes ao setor automotivo, foi uma das primeiras empresas brasileiras a suspender as operações devido à crise. Essen-

Protótipo com tração elétrica desenvolvida pela WEG: solução sustentável

Rodrigues: WEG reforça área de negócios digitais com compra de empresas



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Peças para motores da Tupy equipam máquinas essenciais à retomada

cialmente exportadora, atuante em 40 países, os executivos da companhia perceberam mais cedo a gravidade e os efeitos da pandemia que estava chegando. Ao retomar parcialmente as atividades, atuou de forma flexível, adequando a produção à demanda e formação de estoques próximos a clientes. “Toda a transformação pela qual já vínhamos passando foi acelerada e alcançamos um novo patamar de maturidade dos processos, flexibilidade e eficiência operacional e agilidade na tomada de decisões”, destaca o presidente Fernando de Rizzo.

Para o executivo, empresas como a que gerencia, que possuem gestão de risco, governança e disciplina financeira, têm melhores condições de atravessar crises como a atual. A Tupy já tinha implementado

um sistema de anéis de defesa, que pode ser resumido em conjunto de ações predefinidas para reduzir custos e preservar o caixa em períodos de redução de demanda. Para internalizar os aprendizados do período de crise, a empresa instituiu um Comitê de Retomada. Além de planejar ações, também cabe ao comitê reunir as práticas adotadas no período e que podem trazer resultados positivos se forem mantidas.

A empresa estará, dessa forma, apta a aproveitar

as oportunidades que surgirem. De Rizzo entende que investimentos em infraestrutura serão essenciais para a retomada da economia em todo o mundo, elevando a demanda por máquinas e equipamentos. Os blocos e cabeçotes forjados pela Tupy servem exatamente a esse grupo de veículos. ic

77,5%

Utilização da capacidade instalada da indústria de SC em abril


**Protocolo
Corona**

QUER RETOMAR AS ATIVIDADES DA SUA EMPRESA COM O MÁXIMO DE SEGURANÇA?

O SESI e o SENAI/SC apresentam: o **Protocolo Corona**, um conjunto de soluções integradas para ajudar a sua indústria a **retomar suas atividades** com saúde e segurança, **cumprindo a todas as exigências** da legislação e contribuindo no combate à pandemia.

Soluções

- ✓ **CoronaDados:** sistema web com assistente virtual para monitoramento de sintomas em massa
- ✓ **GestãoCorona:** assessoria especializada para adequar as medidas e protocolos de segurança contra o coronavírus
- ✓ **LeanCorona:** consultoria Lean aplicada ao contexto da Covid-19 para ajudar a superar a crise econômica
- ✓ **testeSesi:** teste PCR, teste rápido e/ou coleta de teste para indústrias

Acesse
www.protocolocorona.com.br
e saiba mais!



Operação salvamento

Indústria se adaptou rapidamente às necessidades decorrentes da pandemia, com o objetivo de preservar empregos e poder contar com os quadros necessários à retomada

Por **Maurício Oliveira**

A pandemia de Covid-19 provocou grandes transformações nos mais diversos setores da sociedade, e não foi diferente no que diz respeito às relações trabalhistas. De repente, empresas e profissionais se viram diante de uma situação inédita e complexa, em que os aspectos mais básicos da sobrevivência – tanto das famílias quanto dos negócios – foram colocados em risco.

Apesar de todas as incertezas em torno da crise, que trouxe consequências de proporções inéditas para a economia global, a indústria catarinense conseguiu se adaptar com agilidade às circunstâncias. Isso foi fundamental para minimizar os efeitos mais temidos da pandemia: o encerramento das atividades empresariais e o consequente desemprego.

“Foi preciso buscar informações confiáveis para ir entendendo a situação e tomando as decisões necessárias no dia a dia”, conta a empresária Rita Cassia Conti, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Brusque, Botuverá, Guabiruba e Nova Trento (Sindinvest). Ela lembra que o processo foi marcado por diferentes etapas. De-

pois do período inicial de fechamento das indústrias, houve permissão para trabalho parcial, num momento em que o transporte público não estava em plena atividade – as empresas tiveram, assim, que montar esquemas próprios de logística para viabilizar o funcionamento. “Cada dia começava repleto de desafios e terminava ainda mais complexo”, resume Rita.

A líder empresarial destaca o importante serviço prestado pelo Observatório FIESC, que desde o início da crise abasteceu o mercado com informações e análises sempre atualizadas e relevantes. “Tem sido um farol que ilumina o nosso caminho nesse cenário tão desafiador”, avalia.

“Informação” tem sido, sem dúvida, uma palavra-chave para este período. Outra é “diálogo” – algo que Rita Cassia tem exercitado muito, tanto como líder patronal quanto como proprietária da Mensageiro dos Sonhos, fábrica de pijamas sediada em Brusque. “Tenho conversado, como nunca, com colaboradores, parceiros, fornecedores e clientes para encontrar as melhores soluções”, descreve.

Como presidente do sindicato, conse-



guiu fechar rapidamente um acordo, em três dias, com os representantes dos trabalhadores. “Havia o interesse fundamental de preservar empregos, e não tenho dúvidas de que conseguimos alcançar esta meta por conta da agilidade para fechar o pacto”, observa. “Isso só foi possível por causa do bom diálogo e da transparência que cultivamos há anos nessa relação. Cada lado expôs sua visão e as dificuldades foram compreendidas pela outra parte.” A indústria de confecções foi uma das mais afetadas pela crise, diminuindo substancialmente o nível de atividade.

Ao assumir recentemente, também, a presidência da Associação Empresarial de Brusque (ACIBr), Rita ampliou o rol de interlocutores para lideranças políticas e representantes de instituições como Ministério Público e Polícia Militar.

Flexibilização | Para o presidente do Sindicato da Indústria da Construção de Blumenau (Sinduscon), Marcos Bellicanta, ainda há um longo e complexo caminho a percorrer no que diz respeito às questões trabalhistas em decorrência da pandemia. O Sinduscon de Blumenau adotou a prerrogativa permitida pelo Governo Federal de suspender por 90 dias as tratativas por um acordo de convenção coletiva. “Acredito que será uma negociação muito difícil, dada a crise

13,6 milhões

Acordos de redução de jornada e salários e suspensão de contratos no Brasil (até 19/7)

621,7 mil

Total de acordos trabalhistas registrados em Santa Catarina

303 mil

Acordos firmados pela indústria catarinense no período

que estamos vivendo. Há um distanciamento grande entre a expectativa do sindicato laboral e a expectativa do sindicato patronal”, descreve Bellicanta.

As Medidas Provisórias 936 e 927 foram diretrizes para as decisões das empresas em relação aos seus funcionários. A MP 927 alterou regras trabalhistas durante o estado de calamidade pública decorrente da pande-

mia. Flexibilizou as exigências para a realização do teletrabalho, permitiu a antecipação de feriados e das férias individuais e coletivas mediante notificação aos empregados com apenas 48 horas de antecedência. Suspendeu, também, algumas exigências administrativas em segurança e saúde no trabalho (como a obrigatoriedade de realização de exames médicos ocupacionais) e adiou o recolhimento do FGTS pelos empregadores referente aos meses de março, abril e maio de 2020.

A MP 936 voltou-se para o objetivo emergencial de preservar os empregos. Permitiu a redução de salários e da jornada por até 90 dias ou a suspensão do contrato de trabalho por até 60 dias. Além disso, estendeu de dezembro de 2020 para dezembro de 2021 o prazo para desoneração de setores intensivos de força de trabalho, como têxtil, calçados, construção civil, call center, transporte rodoviário e ferroviário. Na conversão desta MP

em lei, em meados de julho, o Governo vetou a extensão do prazo da desoneração, porém, até o fechamento desta edição, havia expectativa do veto ser derrubado pelo Legislativo. Já os prazos para as suspensões de contratos e reduções de jornadas e salários foram estendidos.

Consultoria | A FIESC participou da construção das medidas provisórias em sintonia com a Confederação Nacional da Indústria, atuando junto aos respectivos relatores e da banca catarinense nas etapas de votação no Legislativo. Contribuiu com diversos mecanismos, como a definição de contrapartidas do Governo e o parcelamento amplo de férias e 13º salário. A divulgação das medidas junto ao empresariado foi realizada pelo Observatório FIESC, que publicou informações técnicas e jurídicas e realizou diversas “lives”, contando inclusive com a participação de Bruno Bianco, secretário especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia. A Federação atuou ainda como consultora para empresas e sindicatos conduzirem negociações com segurança jurídica. “Entre empresários e trabalhadores há a percepção de que manter empregos e garantir estabilidade por igual período é valioso”, afirma Carlos Kurtz, diretor institucional e jurídico da FIESC.

De acordo com o Ministério da Economia, o setor industrial foi o que mais utilizou os mecanismos em Santa Catarina. Até o dia 19 de julho, 303 mil acordos trabalhistas haviam sido registrados pela indústria de transformação e 11,8 mil pela construção civil,



EDSON JUNIKES

representando metade do total realizado no Estado. Pesquisa do Observatório FIESC identificou que o setor têxtil e de confecções firmou mais de um terço do total de acordos da indústria. Em todo o Brasil foram registrados 13,6 milhões de acordos.

Graças ao programa para manutenção de emprego e renda, o número de demissões na indústria foi menor do que os próprios empresários inicialmente imaginavam. Pesquisa da consultoria Mercer Brasil realizada em abril apontava que 68% das empresas planejavam reduzir a força de trabalho. Ao se chegar a esse ponto, o prejuízo não é só do trabalhador. “Se a redução não for bem analisada, a empresa pode perder musculatura para a retomada. Capital intelectual e conhecimento sobre os processos da companhia não se formam novamente da noite para o dia”, afirma Rafael Ricarte, executivo da Mercer Brasil. ic

Conti: diálogo e transparência são essenciais para firmar acordos com trabalhadores



SHUTTERSTOCK

Não é mais tendência

Já está acontecendo: home office, aprendizado ao longo da vida e mudanças na hierarquia são transformações no mundo do trabalho aceleradas pela pandemia

Em decorrência das adaptações que precisaram ser feitas durante a crise, o mundo pós-pandemia será bem diferente daquele que conhecíamos. Várias tendências que já estavam em curso no mercado de trabalho foram aceleradas por conta das circunstâncias decorrentes da Covid-19, sendo que as principais delas foram compiladas pelo Centro para o Futuro do Trabalho da Cognizant, uma das empresas líderes mundiais em serviços de tecnologia e negócios. Uma síntese das projeções está em destaque ao longo desta reportagem. É o caso, por exemplo, do home office.

Há algum tempo já vinha se falando da disseminação do trabalho remoto no Brasil, mas só agora um salto efetivo foi dado. A adesão definitiva à prática deve crescer 30% no País, projeta o professor André Miceli, coordenador do MBA em Marketing e Inteligência de Negócios Digitais da Fundação Getulio Vargas (FGV). “Muitas empresas puderam perceber que se trata de uma alternativa viável e efetiva”, avalia Miceli.

O home office ganha força por proporcionar vantagens em potencial a todas as partes envolvidas. Aos profissionais oferece mais flexibilidade no cotidiano e ganho do tempo gasto com transporte. A sociedade se beneficia com a redução no trânsito e na pressão sobre o transporte coletivo, com consequências positivas também nos índices de poluição. Para as empresas, há redução de gastos com aluguel, transporte, refeições e infraestrutura.

É evidente que nem toda atividade profissional permite home office, especialmente nos setores mais tradicionais da indústria. Outro ponto relevante é que a adesão à modalidade não precisa ser plena, num primeiro momento: pode ser parcial, envolvendo um ou dois dias por semana. Há uma série de ajustes que precisam ser realizados para que o improvisto experimentado durante a pandemia se transforme numa prática realmente sustentável e produtiva. As empresas esperam ter plena segurança de que não terão problemas trabalhistas, ao mesmo tempo que os métodos de controle de produtividade para o trabalho remoto precisam ser aperfeiçoados.

A jornada de trabalho tende a se tornar mais fluida, com a cobrança ocorrendo cada vez mais com base em tarefas do que em horas trabalhadas. Pode ser uma adaptação difícil para quem se acostumou a supervisionar o trabalho da equipe recorrendo sobretudo à presença física. O modelo tradicional das empresas, com hierarquia claramente definida, tende a ser substituído por um modelo mais colaborativo e desestruturado, em que a liderança é transitória e exercida por projeto.

Segurança | O home office exige certa infraestrutura, com instalações corretas do ponto de vista ergonômico e isolamento em relação ao restante da casa. Além disso, é essencial uma boa rede de internet. Uma das questões que precisam ficar claras e formalizadas no relacionamento entre empresas e funcionários em home office é a responsabilidade pelos custos de infraestrutura e manutenção.

Outra preocupação das empre-



Expansão do home office beneficia a sociedade com a redução no trânsito e na pressão sobre o transporte coletivo, gerando menos poluição

sas é com o risco de vazamento de dados. Não é simples levar para os escritórios domésticos o mesmo nível de proteção que há nas sedes das empresas, protegidas por “guarda-chuvas” de segurança. É preciso investir em conexões seguras, criptografadas, o que é assegurado pela disponibilização de uma rede privada virtual, VPN na sigla em inglês.

“As empresas precisam investir o necessário e estabelecer regras claras de segurança, que devem ser seguidas à risca pelos funcionários”, alerta o advogado e economista Renato Opice Blum, um dos maiores especialistas em direito digital do País. Ele adverte, contudo, que não basta orientar: é preciso manter atenção permanente. “As pessoas, mesmo as mais instruídas, tendem a cometer muitos descuidos.”

Outra tendência que ganhou força durante a pandemia é o chamado *lifelong learning* – ou seja, a disposição para o aprendizado permanente ao longo da vida. Trata-se do interesse pela aquisição rápida de novos conhecimentos, com aplicação imediata, em resposta às urgências de um mundo em rápida transformação.

Competências | Atento às tendências, o SENAI catarinense lançou durante a pandemia cursos técnicos a distância em 24 áreas do conhecimento, alinhadas com setores que mais demandarão profissionais nos próximos anos. Entre as áreas incluídas estão Administração, Comércio Exterior, Computação Gráfica, Internet das Coisas, Logística, Qualidade e Sistemas de Energia Renovável.

“Adotamos uma estratégia digital



para seguir formando profissionais de excelência, mesmo durante a pandemia. Por isso, desenvolvemos cursos focados nas principais necessidades apontadas pela indústria”, explica o diretor regional do SENAI, Fabrício Machado Pereira. “Esses cursos são

mais flexíveis, bastante práticos e buscam desenvolver as competências profissionais mesclando aulas realizadas pelo ambiente virtual de aprendizagem e atividades práticas em laboratório, quando estiverem liberadas para os cursos regulares”, completa. ic

Um mundo em transformação

Tendências para o mercado de trabalho da década que está começando

A ascensão da “wirearquia”

Organização baseada em auxílio mútuo e confiança substituirá parcialmente a tradicional hierarquia.

De cargos para tarefas

As profissões serão exercidas de maneira mais fluida, com os atuais cargos sendo desconstruídos em tarefas.

A revolução do datascópio

Assim como os microscópios mudaram a medicina, a inteligência artificial será um “datascópio” que trará soluções inimaginadas.

A era da exaescala

O futuro do trabalho será baseado na exaescala, sistema computacional capaz de realizar um quintilhão de cálculos por segundo.

Segurança é prioridade

Tecnologia será cada vez mais o aspecto central da sociedade e as empresas não devem hesitar em investir em cibersegurança.

Internet das Coisas vira realidade

5G vai acelerar a transmissão de dados e seu uso integrado com a inteligência artificial viabilizará de vez a Internet das Coisas.

Do terno para o capuz

O mundo dos negócios será cada vez menos formal.

Do cubículo para o sofá

Já conseguimos trabalhar de qualquer lugar que tenha acesso à internet.

De #sextou para #segundou

Você saberá que o futuro do trabalho chegou quando se sentir motivado em uma segunda-feira. Perceberemos que o que nos torna humanos de verdade é o prazer proporcionado pelo trabalho.

De uma carreira para várias

O modelo educação-emprego-carreira dará cada vez mais lugar ao aprendizado constante e à ideia de carreira de portfólio – exercer várias atividades simultâneas, sem vínculo fixo com um empregador.

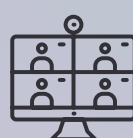
Fim da aposentadoria

A ideia de simplesmente parar de trabalhar quando ainda se tem saúde física e mental será vista no futuro como incompreensível.

Mais que diversidade: pertencimento

Além de chamar as pessoas para o baile, será preciso convidá-las a dançar.

Fonte: Cognizant



Como é bom faturar em dólares

Desvalorização do real favorece exportações e abre oportunidades de negócios, mas o comércio exterior só dá resultados consistentes se projeto for de longo prazo

Como explicar que, em plena pandemia, os exportadores brasileiros de carne suína embolsaram receita superior a R\$ 1,2 bilhão em maio, mais do que o dobro obtido no mesmo mês do ano passado em moeda brasileira? É certo que a forte demanda chinesa implicou em aumento do volume exportado de 53% em relação a maio de 2019, mas isso explica só uma parte do recorde histórico de faturamento registrado. Uma boa fatia dos ganhos tem origem na variação cambial. A cotação da moeda norte-americana aproximou-se dos R\$ 6 em maio, potencializando os ganhos de empresas brasileiras que faturam em

dólares. Na mesma altura do ano passado, a relação se aproximava de R\$ 4 para US\$ 1.

A desvalorização do real ao longo do ano chegou a um máximo de 47% em meados de maio, abrindo oportunidades para que alguns exportadores não tomassem conhecimento da crise ou, ao menos, compensassem parcialmente as vendas perdidas. “Os volumes exportados caíram, mas o dólar compensou a queda”, afirma Leonir Tesser, proprietário da Temasa, de Caçador, indústria de móveis que exporta 100% da produção.

O quadro geral das exportações catarinenses demonstra que a queda de receita, em dólares, no

período entre janeiro e maio, foi de 11,3%, totalizando US\$ 3,4 bilhões. Dado o tamanho da desvalorização do real no período, boa parte dos exportadores elevou as receitas em reais mesmo tendo exportado menos. Na mão inversa, para a indústria que depende de insumos importados, a depreciação do real implica em aumento de custos. Os principais produtos importados no período foram cobre refinado, polímeros para a indústria de plástico e fios sintéticos para a indústria têxtil – este último item teve queda de 30% no acumulado dos primeiros cinco meses do ano.

Como ocorre em períodos de mudança de patamar do câmbio que favorece as exportações, indústrias se voltam para oportunidades no exterior. Mas o câmbio pode ser muito volátil, e se ora está atraente para as exportações, logo pode não estar tanto assim. Basta observar o que ocorreu depois de maio, quando o dólar atingiu seu pico. Desde então a cotação recuou e passou a rondar os

R\$ 5,30. Fica a pergunta: para onde vai o dólar no segundo semestre?

Quem lida com cotações de moeda sabe que elas são imprevisíveis, então não é prudente cravar previsões nesta seara. Porém, em linhas gerais, consultorias especializadas não vislumbram a continuidade dos fatores internos de instabilidade que derreteram a moeda brasilei-

Dinheiro derretido

Moedas de países emergentes que mais se depreciaram em 2020 (até 16 de junho)

| | | | |
|----------------------------------|------------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|
| Real brasileiro -23,2% | Rand sul-africano -18,8% | Peso mexicano -15,3% | Peso argentino -14,0% |
| Lira turca -13,0% | Peso colombiano -12,6% | Rublo russo -11,0% | Rupia indiana -6,3% |

Fonte: Bloomberg/Exame Research

Tesser, da Temasa: foco em custos e visão de longo prazo para inserção internacional



ANGELA CARDOSO / TEMASA

ra no primeiro semestre. Já o cenário de pandemia descontrolada, que aumentou a demanda pelo dólar no mundo e elevou o seu valor, deverá ser atenuado. Nesse contexto, há tendência de que o real se aprecie um pouco no segundo semestre, reduzindo a atratividade das exportações. Outros analistas, entretanto, apontam as eleições municipais e a

possível continuidade da crise política como fatores de instabilidade a pressionar as cotações.

É por causa da incerteza e a volatilidade que o investimento em comércio exterior não pode ser decidido somente na roleta do câmbio. “Deve ser uma decisão estratégica da empresa, que tem que se preparar para atuar no mercado no longo prazo, buscando padrões internacionais de competitividade”, afirma Maria Teresa Bustamante, presidente da Câmara de Comércio Exterior da FIESC. Ela lembra que o Brasil não possui política cambial e a cotação do dólar é uma somatória de variáveis externas e internas, ressaltando a importância de se buscar seguros contra a variação cambial e instrumentos como os adiantamentos de contratos de câmbio, oferecidos pelo sistema financeiro.

Vertical | A Temasa é uma das empresas catarinenses que obteve sucesso em sua estratégia de internacionalização iniciada há quase 30 anos, pouco tempo após ser constituída. No meio do caminho enfrentou percalços, como a cotação do dólar por volta de R\$ 1,50 em 2012. As exportações de móveis brasileiros despencaram no período, mas a empresa de Leonir Tesser foi no contrafluxo, investindo no aumento de produção para conquistar nacos do mercado deixados pela concorrência. O movimento foi possível graças à verticalização da produção e o consequente controle de custos, além de reservas financeiras acumuladas em períodos de câmbio favorável.

O dólar caro que hoje favorece a Temasa dá fôlego para a realização de uma série de adaptações às transformações do mercado. A companhia desenvolve e fabrica móveis para o nicho do *it yourself*, em que os próprios consumidores realizam a montagem. Os principais canais de distribuição são grandes redes europeias, sendo a Ikea a principal delas. Acontece que as encomendas desses lojistas recuaram, ao passo que as vendas por e-commerce na Europa e Estados Unidos mais do que dobraram. A mudança implicou em uma necessidade de ofertar maior diversidade de produtos em lotes menores. “Era uma tendência que já observávamos, mas que se acelerou com a pandemia”, diz Tesser.

Ao mesmo tempo que novas linhas de produtos são concebidas, o parque fabril é reprogramado. Nos últimos meses, o número de itens produzidos triplicou e cada lote passou de 1.200 peças, em média, para apenas 300 peças. A essência do negócio, entretanto, permanece a mesma, independentemente da taxa de câmbio. “Somos produtores de móveis muito focados nos custos e com visão de longo prazo”, define Tesser.

É nesse contexto de transformações e volatilidade do mercado que ganham relevância iniciativas como a rodada internacional de negócios do setor de alimentos e bebidas que aconteceu de forma virtual em junho, organizada pela Confederação Nacional da Indústria, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Sebrae e APEX, além da FIESC. O evento co-



CLEBER GOMES

nectou micro e pequenas indústrias brasileiras – sendo mais de 30 delas catarinenses – com compradores dos Estados Unidos, Canadá, Índia, Emirados Árabes e outros países.

Apoiar a inserção de empresas no mercado mundial é considerado um dos eixos estratégicos de atuação da FIESC, que mantém o Programa de Internacionalização da Indústria de Santa Catarina, composto por uma série de iniciativas e programas interconectados. Um dos focos é o universo de empresas de micro e pequeno porte. Elas são a imensa maio-

Bustamante: capacidade de disputar mercados locais e globais com qualquer concorrente

Altos e baixos | Exportações e importações catarinenses (janeiro-maio 2020)

| Exportações | US\$ milhões | Varição sobre 2019 |
|-------------------|--------------|--------------------|
| Carnes de aves | 597,7 | -35,9% |
| Carne suína | 430,6 | 45% |
| Soja | 387,3 | 54,9% |
| Motores elétricos | 141,1 | -12,6% |
| Partes de motores | 139,1 | -18,7% |
| Total SC | 3.377 | -11,3% |

| Importações | US\$ milhões | Varição sobre 2019 |
|-----------------------------|--------------|--------------------|
| Cobre refinado | 266,9 | 2,2% |
| Polímeros de etileno | 144,5 | -4,7% |
| Fios de filamento sintético | 133,1 | -30% |
| Semicondutores | 129,9 | 92,3% |
| Borracha | 94,0 | -26,4% |
| Total SC | 6.312 | -7,54% |

Fonte: MDIC/Observatório FIESC

ria das indústrias de Santa Catarina, empregam metade do total de funcionários do setor, mas respondem por apenas 3% das exportações e 4% das importações. Um dos principais programas voltados a essas empresas é o Go To Market, iniciativa da FIESC e Sebrae-SC.

Em junho, no âmbito deste programa, as empresas participantes foram “diagnosticadas” quanto ao atual grau que possuem em relação à internacionalização. A partir do diagnóstico, elas podem estabelecer um plano de ação para implementação de suas estratégias de comércio exterior – seja para exportação, importação ou formação de alianças estratégicas. “O programa foi concebido

para as empresas buscarem mais competitividade especialmente após a pandemia, considerando que uma das alternativas para a recuperação da indústria é a abertura de novos mercados para a exportação de produtos catarinenses”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC.

Cadeias globais | O Programa de Internacionalização contempla ainda iniciativas como a inteligência comercial, a promoção comercial em eventos internacionais, cursos de capacitação e seminários e a emissão de certificados de origem, dentre outras iniciativas. O objetivo supera o da internacionalização por meio da exportação, pois busca elevar os padrões da indústria para que ela possa integrar cadeias globais de fornecimento e competir globalmente, inclusive com empresas estrangeiras no mercado brasileiro. “A bandeira do programa é a competitividade, a capacidade de disputar mercados locais e globais com qualquer concorrente”, diz Maria Teresa Bustamante.

De todo modo, o câmbio é um fator de competitividade e, caso o dólar se mantiver em patamares elevados, a situação pode favorecer a indústria também no mercado interno, pois grande parte das matérias-primas e dos componentes de setores como a indústria automotiva é importada. “Do ponto de vista da indústria brasileira, esperamos que seja uma oportunidade para ampliarmos as vendas domésticas em produtos que podemos fabricar no Brasil, mas que hoje são importados”, afirma Fernando de Rizzo, presidente da Tupy. [ic](https://www.tupy.com.br)



Liga de Doações CONECTA SC

O Conecta SC é um portal que reúne campanhas de instituições que necessitam de doação de alimentos, itens de higiene, produtos de limpeza e saúde.

Acesse o portal e confira todas as campanhas solidárias e os endereços das lojas farmaSesi que são pontos de coleta.

Ajude você também, e vamos criar uma corrente do bem. Juntos somos mais fortes.
fiesc.com.br/euvoluntario

Realização



EU Voluntário
Deixando o meu legado



Apoio



farmaSesi
faz por você, faz por todos



EMBARQUE para o futuro

Conclusão da primeira etapa da nova bacia de evolução coloca o Complexo Portuário do Itajaí na rota dos supercargueiros e o torna mais atraente para investimentos privados **Por Leo Laps**



APL PARIS

O maior navio de contêineres que já atracou no Brasil

| | |
|-------------------------------|----------------------------------|
| Bandeira Singapura | Lançamento 2012 |
| Comprimento 347,4 m | Largura 45,3 m |
| Calado 12,3 m | Capacidade 10.700 TEUs |

Fonte: www.marinetraffic.com

SHUTTERSTOCK

A primeira geração de navios de contêineres surgiu na década de 1950. Modificadas a partir de embarcações militares ou graneleiros, essas embarcações experimentais ofereciam uma capacidade de cerca de 800 TEUs (Twenty-foot Equivalent Unit, a medida padrão de um contêiner com 20 pés de comprimento) e tinham dimensões ainda tímidas, que vêm sendo superadas desde então, de tempos em tempos, em nome da economia de escala. Afinal, quanto mais carga a bordo, menor o custo unitário do frete. Nos úl-

timos anos, o lançamento de novos e gigantescos navios capazes de empilhar até 21 mil TEUs parece finalmente apontar um limite a essa corrida.

A pressão para que portos, terminais e outros elementos da cadeia global de transporte marítimo de cargas se adaptem ao crescimento desses colossos do mar já é uma realidade desde o início do século 21. Foi o que obrigou o Panamá a expandir seu famoso canal e inaugurar, em 2016, entradas para navios mais largos e pesados. E é o que faz o Complexo Portuário do Itajaí, o segundo maior movimentador de contêineres

do Brasil: comemorar em tom de alívio a conclusão da primeira etapa de uma nova bacia de evolução para manobrar navios.

Ainda em fase de testes antes de ser homologada pela Marinha, o que deve ocorrer ainda este ano, a novidade permite a entrada de supercargueiros com até 350 metros de comprimento e 48,5 metros de largura nos portos de Itajaí e Navegantes, ambos localizados frente a frente, a poucos quilômetros da foz do Rio Itajaí-Açu. Em 16 de junho, o maior navio de contêineres a atracar no País, o APL Paris, realizou uma série de manobras

na bacia de evolução. A embarcação de Singapura entrou pela foz do rio e atracou no berço 3 da Portonave, em Navegantes. De saída, deu ré e, com o auxílio de barcos rebocadores, girou 180 graus na bacia de evolução, localizada numa região conhecida por Saco da Fazenda. Então partiu para o mar aberto, rumo ao outro lado do mundo.

Com 347,4 metros de comprimento e 45,3 metros de largura, o APL Paris foi construído em 2012 e pode transportar quase 11 mil contêineres. Na época em que o supercargueiro era lançado na Ásia, eram apresentados ao Governo de Santa Catarina os



Portonave

400 mil metros quadrados de área

3 berços de atracação

900 metros de cais linear

30 mil TEUs de capacidade estática

6 portêineres

2,1 mil tomadas reefer

1 Iceport (câmara frigorífica com 16 mil posições pallets, 13 docas e 50 mil m² de armazenagem)

primeiros estudos para a nova bacia. A situação era muito clara: sem o investimento, o Complexo Portuário do Itajaí definiria aos poucos, perdendo linhas e escalas conforme a frota de supercargueiros fosse substituindo navios menores e mais antigos. “Quando comecei a trabalhar aqui, há 20 anos, fizemos uma manobra com um navio de 242 metros, o maior da história na época. A cidade parou para ver. Sem essa obra na bacia, estou certo de que o porto se acabaria”, afirma o prático Paulo Ferraz.

Segunda etapa | Financiada pelo Governo do Estado a um custo de R\$ 128 milhões, a obra teve início em 2015, com prazo de 18 meses para conclusão. Foi entregue somente em abril de 2019, incompleta. O Porto de Itajaí investiu R\$ 40 milhões e a Portonave mais R\$ 5,5 milhões para completar a dragagem do rio, atingindo os 14 metros de profundidade desejados para operar navios como o APL Paris, que exige um calado de 12,3 metros. Agora segue a discussão para completar a segunda etapa da

bacia, que pode aumentar a capacidade para 366 ou até mesmo 400 metros de comprimento, o que seria o limite do estuário.

“Quando começamos a operar, em 2007, atendíamos navios de até 265 metros de comprimento. Agora chegamos aos 350 metros, o que nos mantém competitivos pelos próximos anos”, diz Osmari de Castilho Ribas, diretor da Portonave, o primeiro terminal portuário privado do Brasil, que resultou na transformação de uma área de 450 mil metros quadrados na última curva do Rio Itajaí-Açu no porto mais produtivo do País.

Segundo a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), a Portonave opera em média 95 contêineres por hora, dez a mais que o Porto de Santos. Em 2019, o terminal movimentou 741 mil contêineres. Mas já está preparado para trabalhar, sozinho, com até 1,5 milhão de TEUs por ano. A empresa deverá investir cerca de US\$ 100 milhões no próximo quadriênio para se adaptar aos supercargueiros.

Além da Portonave, outros cinco

terminais privados de menor porte fazem parte do Complexo. Sua história começou com o Porto Público de Itajaí, cujos primeiros estudos de implantação são do início do século 20. Pertencente à União mas com gestão municipalizada desde meados da década de 1990, o Porto Público foi parcialmente arrendado em 2000 para o que hoje é a APM Terminals, uma das maiores empresas privadas de administração portuária do mundo. O contrato acaba em 2022 e o Governo Federal já confirmou que toda a área operacional, chamada de porto organizado, será leiloada para a iniciativa privada no mesmo ano.

A prefeitura de Itajaí solicitou ao Governo Federal que a autoridade portuária municipal seja mantida através da Superintendência do Porto, garantindo que o planejamento estratégico do Complexo contemple Itajaí e os municípios vizinhos. Já a

privatização das operações é necessária. “A velocidade com que o poder público consegue investir é muito menor do que a do setor privado”, diz o superintendente do Porto de Itajaí, Marcelo Werner Salles.

“Tínhamos um ponto de interrogação aqui; afinal, quem investiria em um porto que não comporta os novos navios? Agora demos um salto operacional, tornando o porto muito atrativo para o mercado.”

Um dos principais entraves para receber supercargueiros é a área física. O Porto de Itajaí fica

em uma região totalmente urbanizada, somando atualmente 180 mil metros quadrados. A Superintendência do Porto pretende chegar aos 320 mil metros quadrados, o que deve garantir espaço para operar os milhares de contêineres a mais que a nova bacia de evolução deve trazer. “Já compramos 19 terrenos. Ainda falta muito,

1,23 milhão de TEUs

Movimentação de contêineres no Complexo Portuário do Itajaí em 2019, equivalente a dois terços do total de SC

Porto de Itajaí (público + APM Terminals)

180 mil metros quadrados de área

4 berços de atracação

1.035 metros de cais

14 mil TEUs de capacidade estática

2 portêineres

1,4 mil tomadas reefer
Fonte: Empresas



Problemas do lado de fora

Carências de infraestrutura rodoviária e ferroviária prejudicam operações portuárias

Se a ampliação da bacia de evolução marca nova era para o principal complexo portuário catarinense, as carências de infraestrutura em seu entorno seguem gritantes. As BRs 101 e 470, rodovias por onde trafega a maior parte das cargas dos portos, estão saturadas. A via local de acesso é improvisada. Já a maior limitação para o desenvolvimento dos portos para consolidar Santa Catarina como uma das principais plataformas logísticas da América do Sul é a inexistência de ferrovias. Os projetos da Ferrovia Litorânea, concebida para interligar os portos do Estado à Rede Ferroviária Nacional, e da Ferrovia Leste-Oeste, que favoreceria as exportações do agronegócio catarinense, jamais saíram do papel.

“É uma deficiência estrutural grave, considerando que os principais portos do mundo e do País contam com acessos ferroviários”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC. A Federação defende o planejamento sistêmico e integrado da logística catarinense, baseada na intermodalidade. Nesse arranjo, os portos são eixos fundamentais, mas para que desenvolvam seu potencial é preciso haver uma malha logística integrada que inclua pontos de concentração de cargas e integração com outros modais, compatível com a diversidade das cadeias de suprimento da indústria catarinense.

mas não estamos parados esperando pela concessão”, garante Salles.

O Complexo responde por mais de dois terços da movimentação portuária de Santa Catarina. Mesmo diante da pandemia, os números são melhores do que os de 2019. A movimentação cresceu 16% nos primei-

ros cinco meses em relação ao ano passado. “Os portos seguiram ativos, pois o transporte de matérias-primas e produtos essenciais passa por eles, que dependem de toda uma cadeia produtiva: caminhões, postos de gasolina, pontos de alimentação. Isso permite uma retomada mais rápida da economia no Estado”, avalia o presidente da Associação Empresarial de Itajaí, Mário Cesar dos Santos.

Os números positivos ainda não são consequência direta da nova bacia de evolução, mas a conclusão das obras deve prevenir situações como as do ano passado, quando o terminal de Navegantes perdeu 32 escalas devido às obras incompletas. Ainda sem data para execução, a segunda etapa de obras depende de recursos federais, na casa dos R\$ 230 milhões. Se concluída com sucesso, deve garantir ao Complexo Portuário do Itajaí uma posição ímpar na costa brasileira: os maiores navios do mundo, com capacidade para até 21 mil contêineres, têm exatos 400 metros de comprimento. ic

EVOLUÇÃO DOS CARGUEIROS



(As medidas se referem a comprimento, largura e calado)



farmaSesi VOCÊ PODE CONFIAR

A saúde é o que nos move e, neste momento, ela precisa de uma atenção especial.

Por isso, nossos farmacêuticos estão sempre presentes para orientar e confortar a todos. Na tele-entrega idosos têm prioridade e nossas lojas foram transformadas em ambientes seguros, preparadas para acolher e proteger.

Acreditamos que dias melhores virão e continuaremos trabalhando para construí-los.

Porque enquanto a saúde precisar, nós não iremos parar. Pode confiar!



www.farmasesi.com.br

Motores de popa da economia

Portos eficientes transformaram a região de Itajaí em um dos polos mais dinâmicos do Estado

Um bom pedaço dos cerca de 15 quilômetros da BR-101 que cortam a cidade de Itajaí apresenta uma paisagem homogênea, apinhada de contêineres e pátios de empresas do ramo logístico, lado a lado ao longo da rodovia. O vislumbre não deixa dúvidas sobre o peso da atividade portuária no desenvolvimento regional. Para Marcelo Werner Salles, superintendente do Porto de Itajaí, o porto e a cidade mantêm uma “relação umbilical”: se a movimentação de contêineres sobe, a arrecadação, os investimentos públicos e a econo-

mia como um todo crescem juntos. Desde que foi municipalizado, há 30 anos, a movimentação portuária aumentou 1.500%.

“Em 2015 e 2016, quando tivemos dois anos péssimos por conta de um período de cheias e obras em três dos quatro berços do Porto de Itajaí, a cidade sofreu. Com o crescimento de 150% em nossa movimentação nos últimos três anos, Itajaí agora tem um dos maiores PIBs do Estado”, afirma Salles.

Dados do IBGE de 2017 apontam a cidade com o segundo maior PIB de Santa Catarina, com R\$ 21,9 bilhões – em 2005, o valor era de R\$ 4,2 bilhões.

| | ITAJAÍ | NAVEGANTES |
|------------------------------------|----------------------|---------------------|
| População (2019) | 219,5 mil habitantes | 81,5 mil habitantes |
| PIB (2017) | R\$ 21,9 bilhões | R\$ 4,1 bilhões |
| PIB per capita de SC (2017) | 3º R\$ 103 mil | 15º R\$ 53,2 mil |

Com população estimada de 219 mil habitantes, sua geração de riqueza é menor apenas que a de Joinville, que tem população de quase 600 mil habitantes. Quando o critério é o PIB per capita, Itajaí fica em terceiro lugar, atrás apenas de cidades pequenas – Piratuba e Araquari. Considerando-se as cidades de maior porte do Estado, Itajaí destaca-se com folga. Além da movimentação do porto, a economia local é puxada pelos setores de pesca e indústria náutica.

Do outro lado do Rio Itajaí-Açu, a Portonave levou a cidade de Navegantes da 32ª para a 13ª posição do ranking de maiores economias do Estado. Desde que se instalou, o PIB cresceu oito vezes, totalizando R\$ 4,1 bilhões em 2017. Sozinho, o terminal é responsável por 45% dos impostos sobre serviços (ISS) arrecadados pelo município, e gera cerca de 4 mil empregos diretos e indiretos na cidade.

O dinheiro injetado na economia local pode ser medido em contêineres. Estimativas internacionais apontam que cada contêiner movimentado gera US\$ 1,2 mil. O Complexo do Itajaí realiza a movimentação de 1,2 milhão de unidades por ano, e a capacidade constantemente ampliada atrai novos investimentos para a região.

Novo galpão | A AMP Centro Logístico se estabeleceu em Itajaí em 2005, de olho nas oportunidades que a inauguração da Portonave e a duplicação da BR-101 Norte poderiam trazer. Com 136 metros quadrados de espaço para armazenagem de contêineres, a AMP também serve como parque empresarial, com mais



LEO LAPES

de 100 empresas instaladas em seu interior. Está em curso a construção de um galpão com 14 metros de pé-direito e 62 docas, que aumentarão em quase 20% a capacidade de armazenagem de contêineres.

Com a pandemia, as obras diminuíram de ritmo e só devem ser encerradas no outono do ano que vem. “Seguimos com 100% de ocupação, mas percebemos que muitos negócios serão remodelados, com grandes empresas enxugando os gastos. Mas a infraestrutura que este *cluster* ao redor dos portos oferece é muito atrativa. A nova bacia de evolução só reforça a importância do complexo para a região”, analisa o gerente comercial da AMP, Tarcísio Tomasi. ic

Tomasi, da AMP: bacia de evolução torna região ainda mais atraente para operadores logísticos

Tecelão de laços familiares

A fabricante de roupas infantis Kyly começou a funcionar com dois teares usados na garagem de Salézio Martins, em Blumenau, e hoje fatura quase R\$ 500 milhões por ano

Por **Maurício Oliveira**

Salézio José Martins reinventou-se profissionalmente quando estava perto dos 40 anos. Hoje, aos 71, ele olha com orgulho para o caminho percorrido – não apenas pela construção de uma das maiores fabricantes de roupas infantis do Brasil, a Kyly, mas por ter feito isso com a participação essencial da família. “Preservar a união em casa era mais importante do que o sucesso nos negócios. Ter conseguido as duas coisas é uma bênção”, afirma.

Na década de 1980, Salézio, formado em Letras, trabalhava como repórter num jornal de Blumenau e dava aulas de Português e de Redação em escolas da cidade. Mesmo com o cotidiano atarefado, o orçamento doméstico permanecia sempre no limite. Claudete, a esposa, cuidava das três filhas pequenas do casal e ainda encontrava tempo e disposição para prestar serviços de costura.

Certo dia, Salézio soube que a Hering estava colocando à venda teares usados e decidiu investir na compra de duas máquinas, que instalou na garagem de casa. A ideia era produzir malha de algodão para vender às confecções da região. Com o propósito de ter pelo menos um cliente fiel, ele incentivou o pai, José, descendente de alemães que começara a vida como agricultor, a abrir uma confecção.

Quando Salézio nasceu, a família morava em Major Gercino, cidade até hoje muito pequena, com apenas 3,5 mil habitantes. O menino trabalhou na roça desde pequeno. Depois veio a mudança para Presidente Nereu e chegaram muitos outros irmãos – ele é o segundo filho de um total de 13. Além de cuidar da casa e das crianças, a mãe, Matilde, tratava os animais e, quando sobrava algum tempinho, pegava a enxada para ajudar.

“Meus pais me transmitiram dois grandes ensinamentos: o valor do trabalho e a importância da fé”, lembra Salézio. O sonho de José era que

um dos filhos se tornasse padre. Três chegaram a ir para o seminário – Salézio foi um deles. Mas, assim como os irmãos, desistiu de seguir a vida sacerdotal. A explicação: “Percebi que eu teria mais chance de me tornar um bom cristão do que um bom padre”.

Poucos anos depois, já morando em Blumenau e fazendo o curso de Letras na Universidade Regional de Blumenau (FURB), ele conheceu Claudete, apresentada por amigos em comum. “Foi amor à primeira vista. Senti um raio atravessando o meu peito”, descreve. Então veio o casamento, o nascimento das três primeiras filhas e, dez anos depois, a compra dos teares usados. Com Claudete supervisionando rigorosamente a qualidade, a produção da malha de algodão encontrou um vasto mercado.

Dois anos mais tarde o casal comprou um terreno em Pomerode e lá iniciou a construção de um galpão com 540 metros quadrados para abrigar o crescimento do negócio. Como a confecção de José ia mal das pernas, acumulando dívidas, Salézio propôs assumir o negócio do pai, que rebatizou de Kyly. Era o apelido de Karine, a filha mais nova aquela altura – a caçula “definitiva”, Naraline, ainda não havia nascido.

A inauguração da nova sede, no dia 18 de julho de 1987, deveria ser um momento feliz, mas foi marcado por um acontecimento trágico: a morte de José, vitimado por um



Sede da Kyly, em Pomerode: investimento de R\$ 44 milhões em fiação

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A garagem de Salézio, onde tudo começou, e um dos primeiros teares comprados da Hering

ataque cardíaco fulminante em plena celebração.

Mesmo em meio a tanta tristeza, não havia outro caminho que não fosse seguir adiante. Com mais espaço e maquinário ampliado, o negócio evoluiu da produção de tecido para a confecção de roupas. No começo, a empresa executava projetos dos clientes. A primeira encomenda de peso veio da rede Sabina, do Rio de Janeiro, com lojas também em São Paulo e Recife. Depois foram chegando pedidos de gigantes da época, como Mappin e Mesbla.

Taciane, a filha mais velha, começou a trabalhar na empresa ainda adolescente. Atendia os grandes clientes e, com isso, foi aprendendo os macetes do mercado e dos desenhos das peças. Passou a criar coleções. O público gostou especialmente das infantis, que davam bom retorno financeiro – as peças, repletas de estampas e detalhes, tinham maior valor agregado. “Com a van-

tagem de que as crianças crescem rápido e sempre precisam de novas roupas”, ressalta Salézio.

A Kyly encontrava, assim, a sua grande vocação: roupas infantis com cores fortes, marcantes. Hoje, a marca lança quatro coleções por ano, cada uma delas com cerca de 130 modelos. Quando se dedicou ao projeto de exportar, a empresa concluiu que a preferência na Europa era por roupas menos chamativas. Assim surgiu, em 2006, a marca Milon, com modelos infantis mais sóbrios – algo que também acabou agradando muitos consumidores no Brasil. Além das exportações para 30 países, a Milon virou rede de franquias e já passou de 70 lojas.

Taciane continua na empresa, como diretora de marketing, enquanto Karine atua na área de inovação. As duas trabalham a distância, pois moram nos Estados Unidos – e são justamente elas que têm os cinco netos de Salézio e Claudete. “Estamos sempre indo e eles vindo, mas

tivemos que dar uma parada por conta da pandemia. A saudade está enorme”, descreve o avô. As outras filhas – Michele, formada em Publicidade e Propaganda, e Naraline, em Comércio Exterior – desenvolvem suas carreiras fora da empresa familiar e ainda não têm filhos.

Comitê | Em 2010, quando a empresa completou 25 anos, Salézio deixou o dia a dia do negócio, assumindo a presidência do Conselho de Administração. A primeira tentativa com um executivo profissional não foi bem-sucedida. Aos poucos, a empresa foi encontrando uma forma peculiar de gestão. O poder é dividido entre três diretores, que tomam as decisões em comitê: além de Taciane, os outros são Robson Heidemann, responsável pela parte industrial, e Claudinei Martins, um dos irmãos caçulas de Salézio – são 20 anos de diferença entre os dois. “Ele certamente está conosco pela competência que tem, tanto que fui buscá-lo no Banco do Brasil para ser o nosso diretor comercial”, descreve o fundador.

As marcas Amora e Lemon, voltadas ao público pré-adolescente, surgi-

ram como uma estratégia para ampliar a duração do relacionamento com a clientela. Outra novidade foi a Nanai, marca infantil que remete a conceitos de brasilidade. No final do ano passado o grupo inaugurou a própria fiação, a Fio Puro, resultado de um investimento de R\$ 44 milhões.

Satisfeito com a equipe que montou, Salézio acompanha com tranquilidade a evolução dos negócios. Como não precisa ir diariamente à empresa e detestaria a ideia de ficar parado, continuou sempre exercitando a vocação empreendedora. Já investiu no ramo de energia e participou da sociedade que construiu uma moderna fábrica de cimentos em Adrianópolis (PR).

Começou, também, a criar gado em três propriedades na região serrana catarinense, em Lages e Paniel. Iniciou aos poucos e já chegou a 3 mil cabeças. “Não adianta, a gente tem que estar sempre arrumando alguma coisa para se incomodar”, ele se diverte. **IC**

Salézio Martins é um dos homenageados com a Ordem do Mérito Industrial de Santa Catarina de 2020, maior honraria concedida pela FIESC



FUNDAÇÃO 1985



SEDE Pomerode



MARCAS Kyly, Nanai, Milon, Amora e Lemon



PRODUÇÃO 15 milhões de peças/ano



DISTRIBUIÇÃO 10 mil pontos de vendas no País, 70 lojas Milon e exportações para 30 países



FATURAMENTO R\$ 460 milhões (2019)

Linguiça Blumenau é patrimônio CULTURAL

Iguaria típica de imigrantes alemães ganhou fama e virou ingrediente gourmet. Em processo para obter o selo de Identificação Geográfica, movimenta a indústria no Vale do Itajaí

Por **Leo Laps**

Em um dos seus primeiros relatos sobre a vida do imigrante alemão no Brasil, escrito em 1885, o pastor, teólogo e escritor germânico Gustav Stutzer narra com uma dose de entusiasmo a fartura culinária com que viviam os habitantes da Colônia Blumenau apenas três décadas após sua fundação, às margens do Rio Itajaí-Açu. “A arte de cozinhar das donas de casa aqui desempenha papel muito importante. Desproporcionalmente, vive-se muito melhor do que na Alemanha”, afirma o empolgado viajante. No texto, Stutzer exalta o tamanho das cabeças de repolho, o café forte servido com pão de milho e mel “precioso” e a quantidade de carne de porco consumida pelos colonos, “inclusive na forma de linguiça fresca e todas as demais linguiças como os alemães as produzem”.

Nascidos da necessidade de se conservar carnes numa época em que não havia refrigeração, salames, linguiças e salsichas se tornaram ícones de várias tradições culinárias. Em Santa Catarina, mais precisamente no Vale do Itajaí, a Linguiça Blumenau ganhou fama de ingrediente gourmet e status de patrimônio cultural, prestes a obter um selo de Identificação Geográfica. Atualmente, pouco mais de 20 pequenas e microempresas sediadas na região fabricam o embutido de forma artesanal, seguindo critérios de uma receita trazida no começo do século 20 por imigrantes instalados no que hoje é Pomerode. O município, divulgado como “o mais alemão do Brasil”, foi criado apenas em 1959, a partir de um desmembramento de Blumenau. Veio a autonomia, mas o nome

da linguiça já estava estabelecido.

Apesar de atender um mercado relativamente reduzido – cerca de 90% da produção fica em Santa Catarina –, a Linguiça Blumenau fomenta novos investimentos no Vale do Itajaí. É o caso da Olho Embutidos e Defumados, que está duplicando o tamanho da sua planta em Pomerode. A nova estrutura, com 400 metros quadrados e investimentos na casa dos R\$ 3,5 milhões, deve aumentar o quadro de funcionários de 27 para 35. A Linguiça Blumenau responde por 70% da produção da fábrica, de 45 toneladas por mês. “A demanda dos consumidores por produtos regionais, feitos em menor escala, é grande e crescente. Buscamos fazer produtos diferenciados que mantêm características artesanais e que podem chegar a outros mercados, como Curitiba e São Paulo”, explica o técnico em alimentos Luiz Antônio Bergamo. Em 2006 ele comprou, em sociedade com o engenheiro civil Rolf Konell Jr., a marca

Embutido é fabricado por 20 micro e pequenas indústrias seguindo receita de imigrantes



FOTOS: LEO LAPS

Receita de sucesso



INGREDIENTES: paleta, pernil e toucinho de porco e temperos

PROCESSO: dois dias dentro de defumadores abastecidos com carvão e serragem

FABRICANTES: cerca de 20, no Vale do Itajaí

USO GASTRONÔMICO: risotos, escondidinhos, pastéis, pizzas, hambúrgueres, churrascos, ensopados, patês e molhos, dentre outros

Olho, criada em 1934 pelo legendário empreendedor pomerodense Hermann Weege.

Quem também apostou no renome da Linguíça Blumenau foi João Rodrigues de Souza Júnior. Em 2018, duas semanas após adquirir um frigorífico em Gaspar para começar a fabricar hambúrgueres artesanais, ele recebeu uma proposta para comprar a marca e as receitas da IPOM, uma reconhecida fabricante de Linguíça

Produto ganhou ares gourmet quando chefs começaram a usá-lo em suas receitas



FOTOS: LEO LAPS

Blumenau da região. Filho do dono de um restaurante no Parque Vila Germânica, o Alemão Batata, ele não hesitou: “Fechei a compra da marca na hora, pois sabia que ela agregaria valor à minha empresa”, relembra Júnior. Hoje, a Linguíça Blumenau e outros embutidos representam 80% da produção da fábrica, que conta com 19 funcionários e faturamento de R\$ 2,7 milhões em 2019.

Fabricada somente com paleta, pernil e toucinho suínos, a Linguíça Blumenau passa pelo menos dois dias dentro de defumadores abastecidos com carvão e serragem, em um processo artesanal que é essencial para garantir as características únicas do produto e obter, junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial, o selo de Identificação Geográfica.

A proposta, formulada por nove produtores da região e liderada pelo Sebrae, busca garantir exclusividade no uso do nome Linguíça Blumenau para os embutidos fabricados em Blumenau, Gaspar, Timbó, Pomerode e Indaial. “Hoje tem gente em Curitiba fazendo linguíça e vendendo como se fosse Blumenau. A Indicação Geográfica vai proteger as características do produto e também os produtores da região”, avalia Margrit Konell, que em 2004 fundou com o filho, Fernando, a Konell Alimentícios. A Linguíça Blumenau, segundo principal produto da fábrica blumenauense – o principal é o torresmo –, vende cerca de uma tonelada por semana.

O engenheiro químico Andrey Patrick Pieritz Hartmann, filho do fundador da Fricar, de Timbó, também acredita que ações como o selo de

IG vão gerar novos negócios. “Existe a perspectiva de aumento de produção. A Identificação Geográfica é um fator de divulgação turística importante para a nossa região”, avalia.

Festivais | A obtenção do selo é um processo que pode levar mais um par de anos até ser concluído. Mas, para elevar um embutido que era basicamente consumido no pão durante algumas refeições para um status de iguaria gastronômica foi preciso, antes de mais nada, lançar mão de uma boa dose de marketing. “Logo que compramos a Olho começamos a buscar alternativas, pois já havia muitas marcas no mercado. Passamos a visitar restaurantes da região, conversando com chefs para elaborarem receitas com a nossa Linguíça Blumenau”, conta Luiz Bergamo.

Foi quando começou a brotar nos menus uma série de pratos feitos com o embutido: risotos, escondidinhos, pastéis, pizzas, hambúrgueres e até mesmo uma cuca com cobertura de Linguíça Blumenau, sucesso em uma edição da Festa Pomerana, tradicional evento de comemoração do aniversário de emancipação do município.

Desde então, a Linguíça Blumenau foi vedete de festivais gastronômicos, inspirando a elaboração de um roteiro turístico próprio, a Rota da Linguíça, que pode ser percorrida com apoio de agências da região. A Olho segue criando novidades: no



DIVULGAÇÃO

ano passado, em uma parceria com a cervejaria Schornstein, de Pomerode, foi lançada uma cerveja artesanal no estilo Rauchbier, feita com maltes defumados – perfeita para harmonizar com linguíça defumada.

O chef Haiko Grabolle, que migrou da Alemanha para Santa Catarina em 2003, acompanhou de perto a mudança. “Quando cheguei, a Linguíça Blumenau não tinha o requinte que tem hoje. Começou a ganhar espaço logo depois, quando alguns chefs começaram a usá-la em suas receitas e chegou à alta gastronomia, custando até mais caro que alguns cortes de carne.” Haiko foi um dos divulgadores da Linguíça Blumenau. Como chef do SENAC, ele calcula utilizar mais de duas toneladas do embutido durante uma edição da Oktoberfest, em pratos como o spatzle, espécie de macarrão alemão, e bolinhos recheados. “É um produto que oferece muitas possibilidades: pode ser usado em churrascos, no ensopado, em um tartar, como patê, em molhos”, observa o chef. ic

Bergamo e Konell: sucesso da marca justifica duplicação da planta da Olho, em Pomerode

Mudanças e aprendizados no mundo pós-Coronavírus

As crises globais trazem ensinamentos. Somente na primeira metade do século passado o mundo enfrentou enormes adversidades, incluindo duas guerras mundiais, gripe espanhola e quebra da bolsa de Nova York. Anos difíceis que refletiram em avanços para a humanidade, na política, na economia e na ciência. Mudanças de padrões monetários, regulação e abertura de mercados alternando com protecionismos, desenvolvimento na saúde com novos medicamentos e vacinas, inovação dos padrões de industrialização e saltos tecnológicos fizeram com que o mundo findasse o século em grande e constante transformação.

Iniciamos o século 21 de forma razoavelmente pacata e eventuais crises, a mais grave em 2008, até nos depararmos com a primeira pandemia dos novos tempos. Embora seja cedo para uma análise concreta do cenário pós-Covid-19, é certo que teremos recessão na economia mundial, com fechamento de fábricas, alterações no consumo e na atividade econômica. Em julho, a Goldman Sachs previu queda de 4,6% do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos em 2020 e, para o Brasil, a perspectiva é ainda mais sombria, com retração de 6,5%.

Estamos passando por um ano de fatalidade e de perdas, muitas das quais irrecuperáveis. Porém, um ano de aprendizados. Uma dessas lições passa pela reinvenção da indústria. Santa Catarina é reconhecida pela diversidade da atividade econômica, uma grande vantagem na atual conjuntura. Precisamos apostar ainda mais na atração de indústrias que possam completar os elos da nossa cadeia produtiva. Para isso, o Governo do Estado une esforços com as entidades empresariais e setor produtivo, abrindo o diálogo e avançando em novos projetos que fortaleçam ainda mais nossa economia.

Precisamos apostar ainda mais na atração de indústrias que possam completar os elos da nossa cadeia produtiva

Lembrando que, aqui no Estado, tão logo anunciada a chegada do vírus, foi decretado *lockdown*, o primeiro do País. As medidas restritivas estão sendo flexibilizadas aos poucos, com o objetivo de encontrar o equilíbrio entre saúde e economia. Com isso, embora a queda de arrecadação seja acentuada, prevê-se que a recuperação também seja célere e

a expectativa é encerrar este ano no mesmo patamar de 2019.

Apostamos na inovação disruptiva para evolução de processos que possam trazer impactos positivos para a sociedade. Afinal, é necessário repensar os modelos adotados até o momento. O setor público deve estar alinhado às tendências e transformações. Na Secretaria de Estado da Fazenda, mesmo antes desta crise, trabalhávamos com a modernização de processos, apostando na tecnologia como peça fundamental dos novos tempos. A necessidade de trabalho remoto acelerou a implementação de serviços em nuvem, provocando modificações estruturais nas ações da área de informática que impulsionaram uma nova cultura e trouxeram, sobretudo, agilidade, eficiência e mobilidade, características tão desejadas no cenário socioeconômico atual.

O mundo nunca mais será o mesmo. O novo normal exige mudança de atitude em relação ao passado, não apenas uma transformação emergencial fruto da necessidade do momento, mas também uma profunda reestruturação tanto econômica quanto social e organizacional. Das adversidades nascem os grandes saltos evolutivos; portanto, estar preparado para a mudança não é suficiente. É preciso fazê-la! **ic**



Paulo Eli
Secretário de Estado da Fazenda de Santa Catarina

DIVULGAÇÃO

CURSO TÉCNICO INDÚSTRIA SENAI



O **Curso Técnico Indústria** é um modelo de negócio que promove o aperfeiçoamento de trabalhadores por meio da formação técnica **personalizada** e alinhada às necessidades da sua indústria.



ELEVE A SUA PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE



Entre em contato conosco e solicite sua proposta.

FIESC, CIESC, SESI, SENAI e IEL

Superação

Superar, neste momento, significa educar, inovar e proteger a saúde do trabalhador e as indústrias catarinenses. Com arte e muito esforço, venceremos os desafios e nos reinventaremos, sempre valorizando nosso produto e nossa gente.



INDÚSTRIA FORTE É DESENVOLVIMENTO